TL 2026

PTU-6 UTANHAYU 55 JIT TEL NO. May 02.94 8:36 P.01

Para: J. Ramos-Horta / Dili/NYC

Assunto: Encontro com José Belo e Pe Constâncio Guesmão

1. Sam 25, fui chamado e um subordinado do Loga me perguntou se eu estava disposto a receber José Belo — instruções do Dep. Rel. Externas. Ouvira dizer que, do grupo dos "25" que foram até T-L. 2 ficaram aqui tentando encontrar-se comigo. Tenci nisso que seria uma oportunidade p/ contactar com gente de fora, tendo em conta as declarações do Sereno ai na sua chegada. Porque, ao mesmo tempo, eu tinha o pedido de AA, pensei também que o encontro podia ser aproveitado para a propaganda...

2. Ontem é que os 4 me disseram que vinham do Lichau. As coisas entretanto tomaram outra dimensão. Hoje, 30, encontrei-me com eles, durante 2 horas. Uns tantos informantes incidindo nos pontos essenciais:

a - porque sabia que eram enviados do AA, pedi-lhes para entrar directamente no assunto que AA lhes incumbira. Informaram-me que dos 4 primeiros pontos do "encontro de reconciliação", que trouxeram livros e jornais (Público) onde eles explanam a sua "filosofia", mas ainda não puderam pôr a vista em cima para ler atentamente. Eles pareciam entusiasmados com os 2 apoiantes que o Bia (Bais) ali colocara entre nós.

b - Pacci entrou a denunciar a "reconciliação", começando por informar que não era anti-indonésio mas anti-integração forçada de T-L. Como iniciativa, aquele processo era extemporâneo, já que se está a processar o diálogo, no quadro das NU. Como sentido político, "reconciliação" não tem conteúdo, porque o problema é entre a Indonésia e a Comunidade Internacional. O acto constituiu apenas uma brecha mas, Wairos, da Resistência Timorense, aproveitou bastante explorar bem o caso. "Em conhecço os indonésios, disse aos 4 visitantes, os indonésios são uns grandes mentirosos, indonésios, entenda-se os governantes, e os militares. Basta ver que as resoluções e acordos foram sempre ignorados por Jakarta, o que demonstra a sua má fé. O encontro de Londres foi marcar a pergunta: é o caso de T-L um assunto da filha do Soeharto? Acredita-se que a filha do Soeharto vai resolver isso? Na Indonésia, todos o parecem a reclamar que mandam, que podem — é tudo uma mentira! Os militares, dizem que os políticos são uns estúpidos, os políticos que os militares, é que entravam e estragam tudo! Eu aposto e aposto todas as iniciativas do Diálogo, mas não posso aceitar essa chamada "reconciliação", que pretende levar o caso do processo para fora do quadro das NU. Basta recordar o caso de 83. Foi ao com o propósito de descortinar uma saída ao problema. Os indonésios queriam obrigar-nos à rendição. Sob a ameaça de "ou rendição ou total exterminação", escolhemos a 1ª e exterminação e o resultado ficou à vista com os massivos sucessos militares, nos anos precedentes. Eu discuti o problema com os Generais do BAIS e já lhes fiz ver: se pedem p/ que sejamos flexíveis, ambas as partes devem estar dispostas à flexibilidade. Não se pode aceitar que me exijam concessões através concessões só para beneficiar o objectivo da outra parte. Isto não é flexibilidade, isto é capitulação.

A vossa "iniciativa" só serviu para ser explorada pela Indonésia e fazer crer numa maior debilidade da resistência timorense. A minha posição é esta - não concordo c/ este processo, desapropriado em tempo e lugar."

Perguntei-lhes a seguir qual o objectivo último da "iniciativa" deles, havendo tanta discordância no seio do timorenses no exterior, tendo-me dado conta (jornais) que revelava a tal "filosofia". E que, apontando p/ os 2 aparelhos, não podiam abordar estas questões como desejavam, eles estavam, assim explicaram, sob o princípio do reconhecimento do estatuto político do território (que Olívio Lopes não concordou de início como ponto de partida ou como princípio p/ as suas conversas), cujo caso está entregue ao Secretário Geral da ONU p/ levar a cabo, já em curso o ponto 4 da letra do acordo de Maio/93 - construção de "medidas de confiança entre Lisboa e Jacarta", pois estavam apreensivos com o não-avanço das negociações, etc; pretendem, assim, minar o lado indonésio, utilizando os timorenses que estão na administração indonésia.

– não é uma delegação ao [illegible] esse Diálogo e dão conta dos seus passos ao Sec.-Geral e ao Gov. português.

– desejam, prioritàriamente, implementação de carácter social e político (no sentido do preenchimento na administração por parte de timorenses), que passa pela uma maior capacitação aos timorenses, libertação de prisioneiros políticos, etc.

– existe uma errada interpretação da iniciativa deles, pela intoxicação de informações e pela obtenção só, de um lado, das informações. Colocaram o problema da Questão fictícia dos timorenses no exterior, problemas da UDT com o Congresso a exigir/pedir o regresso de Portugal, confusões na Fretilin, casos de "uma Troika c/ 3 soluções (Rth, Carrascalão e Abílio) que tinha a sua mas não a propõe p/ não criar mais confusões)... (eu aconselhava, eu ideia, fazer-lhes uma pergunta sobre o papel do TA na Fretilin, mas a conversa tomou outro rumo e, aliás, tinha como objectivo alcançar "face aos media Kamanak", como me pedira Ita Jama, e AA tornara-se secundário p/ mim).

Disse-lhes então que havia incoerência ali: "O plano de paz do CNRM propõe explicitamente mudanças na fisionomia política, social e económica em T.L. Acreditais que o Chico Lopes vai conseguir isto? Sabem quem manda neste sistema político indonésio? Isto é que [illegible] alternativa, porque é que aceitam favorecer a propaganda indonésia? Porque não apoiais o plano de paz do CNRM? Creio que não é intoxicação de informações, os jornais indonésios – a única via p/ eu conhecer o que está p/ além dos muros deita prisão, não posso possuir rádio, ter visitas – salientam a "reconciliação", juntam as declarações de Galvão Teles e os seus pontos de vista à dita "reconciliação"..."

A resposta deles foi que, eles não têm nada a ver com a tal Associação de Amizade PII, liderada pelo Galvão, tendo já tornado isso claro na imprensa portuguesa e que Macedo tem às costas um processo judicial, etc. e que na ida dos 50 a Portugal, onde eles tentarão mostrar-lhes o "mundo democrático", "os timorenses, vamos fazer-lhes uma recepção, levá-los à Fátima, etc. Ambos vão participar num encontro c/ eles no dia 11. Eles não têm nada a ver com esse encontro, não lhe darão parte, apenas não podem impedir que se realize.

Quanto ao plano de paz do CNRM, existem "certas ambiguidades," (sic) com os quais não concordam, designando-o de "autonomia integrada". Disse-lhes então que, mesmo que se aceite o ponto de vista de que existem "ambiguidades" o problema fundamental é o objectivo estratégico que se quer alcançar. (De forma a não ser captada c/ clareza pelos Indonésios, disse): Discutir isso com o Bush, aceitam tudo menos o referendum. Aceito a vós, o que é necessário é que a Indonésia abra a mão, inicialmente, a alguma coisa. Tal como vós estais a tentar. Se não conheço profundamente ou totalmente a situação política em T.L., pelo menos o bastante, o suficiente para afirmar que basta que nos abram umas persianas, para deixar novos ventos. Lembrai-vos da mala-posta visita da SPP? A ter se realizado, ou morreríamos todos ou a situação se modificaria substancialmente. Ali, no plano, está explícito o referendum. O tempo ali não funciona como questão importante, para desastrosos exemplos. Perguntei-lhes, a propósito da "autonomia integrada", se tomaram conhecimento da vossa carta ao Arafat, ao que me responderam: "parcialmente". Expliquei-lhes então que nenhum plano é objectivo em termos absolutos. Todo o plano é subjectivo por excelência, mas é necessário garantir-se-lhe um grau tanto maior possível de objectividade e este carácter objectivo só pode provir da relação entre o plano e a realidade. A execução do plano, devido a diversos factores que se vão definindo constantemente, da p/ parte da parte do adversário, é um processo dinâmico, à semelhança da execução/construção de uma casa, orientado pelo o plano/planta. Não perdendo de vista o objectivo estratégico, o que se constrói ou se vai construindo tem um

que impus a consciência de luta ao n/ Povo! Depois da queda de 77/78, foi o nosso Povo que me 'obrigou' a continuar a resistir. Se não teria dado o meu aval ao Plano de Paz, que me pertence também, se as condições políticas em T.L. não permitissem fazer uma previsão em direcção a esse objectivo estratégico. Vamos assentes que, respeitando o diálogo sugerido pela NU, o que desejais fundamentalmente é promover medidas, que visem reforçar o clima desse diálogo. Mas porque é que não apoiais directamente o CNRM?

Responderam: "Muito difícil. R-M não quer discutir. Convidamo-lo, não compareceu. Só as ideias, dele são válidas. Ele é que sabe tudo!" Perguntei-lhe qual seria, em tempo, o objectivo/plano político na sua correspondência com o diálogo, desenvolvido pelo Sec-Geral da ONU. Por causa dos agravadores, não podiam responder-me, mas pediram-me para que eu lhes concedesse o benefício da dúvida, que também lutam pelo mínimo ideal. A "sinuosidade da diplomacia" pede lhes para "subar bem baixo", mas, disseram, nós sempre africanos: somos líderes independentistas."

"Mas já reparastes que a Indonésia celebriza isso para explorar a nossa falta de unidade? Qual é a vossa apreciação sobre os vossos parceiros directos (os palermas da Cabo Verde)? Acreditais, podeis informar-nos, que exista uma mudança de posições políticas, neles, ou probabilidades nesse direcção? O Y.A. era uma surpresa, quando tentei abordar ele determinadas questões. A sua recente actuação em Genebra foi uma lástima, subar bem baixo, muito baixo mesmo, lá os fui subar, tomba tudo lá vós vedes!"

Responderam-me, um pouco embaraçados e pelos olhares que dirigiam às fitas nas práticas eu percebia que aquelas luzinhas encarnadas estavam-lhes tolhendo a língua: Nós sempre defendemos o diálogo e, materializando o espírito e a letra do acordo de Nairobi - o único ponto assinado por ele - acrescentaram - pensamos que o diálogo é uma oportunidade para se debater as diferenças. Concebemos a unidade, sobre a aceitação dessas diferenças. A guerra dividiu-nos, vamos agora ver como acabamos com essas diferenças. A reconciliação tem "pelo menos" o mesmo sentido que interpretaba sob o sentido religioso do perdoar, mas do procurar estabelecer o entendimento".

Disse-lhes então que o CNRM foi idealizado para absorver todas as diferenças, no que também concordaram. Continuo, continuei, há diferenças de carácter antagónico a ultrapassar no n/ caso. Já disse, em tempo, que defendo a amnistia geral a todos quantos participaram activamente no massacre do n/ Povo, na matança de timorenses empíricos. Não sou padre, mas a nossa prática tem sido de perdoar, foi talvez o que mais pesou sobre perdão, no sentido de recuperar e não marginalizar. Aqueles criminosos que iam ao mato buscar a cabeça aos familiares, foram perdoados, passaram para o mato e começaram a cortar a cabeça aos fascistas. A nossa actuação tem que ser guiada por um princípio. Temos os princípios universais, temos o direito internacional que tornam a n/ causa justa, o n/ Povo confia em nós, nós fizemos certa capacidade para compreender os n/ anseios, os seus sofrimentos e conduzi-lo à sua libertação. Peço vos pf vos compenetrardes disso. Os n/ homens aceitaram a 1ª esterilização, não pf buscar vantagens deles. Recentemente, um foi atingido e perdeu os testículos. Que fazemos nós, os que podemos juntar esforços, os que podemos discernir, para libertar a nossa Pátria? Fico a perguntar para mim: Casamba, os timorenses lá fora, com umas sensibilidades diferentes, não podem unir-se? Terão que continuamente puxar, cada um, à razão pf o seu lado? Não se podem entender? Peço-vos, a vós todos, que sois mais firmados que eu, para que os vossos esforços se realizem no

ce-los, ponto por ponto e traçarei uns pontos comuns de acordo (se necessário) sob o princípio de que só o Diálogo no quadro das NU pode estabelecer as bases para uma solução correcta e duradoura. Seja ou vá eu comunicados conjuntos ou apenas em acordos ("secretos"), estudarei a melhor forma. Da parte deles, exigir para que eles se comprometam a não expôr uma imagem de uma Resistência Timorense facciosa levando-os a considerar-me "Líder de toda a Resistência" e tu, Representante Especial do CNRM e meu representante pessoal.

c - Creio não ser de todo intolerável que, fora do CNRM, surjam iniciativas tendentes a construir as tais "medidas de natureza confiança", desde que não se apresentem como alternativa ao Plano de Paz do CNRM para se conseguir isto e para se provar que eles sejam verdadeiros "líderes independentistas", aproximemo-nos... para controlar!

d - Fui mais longe ainda, irmão. Resolvi aceitar que, no encontro em Dili eu seja chamado mais o Bispo. Terei oportunidade de encará-los a esses integracionistas. Tem confiança em mim, não te assustes, porque o meu stress já é outro, não é a inadiantamente após o 28 de Novembro.

e - termo sabendo que o encontro c/ Chico Lopes será explorado por 6 próximo dia 6, aceitei encontrar-me com ele. Contudo, desde que eu tenha conhecimento de que já existe deformação de notícias e manipulação de declarações, a partir dos 2, estudarei melhor: ou recusarei para e simplesmente ou aceitarei para lhe atirar na cara a ponca vergonha do governo dele. Se me encontrar com ele, vou-lhe colocar isso mesmo: ele, nem o governo, pretenda explorar o encontro como "reconciliação" para ajudar o encontro do dia 6, porque tudo farei para o denunciar; não me importando que me transfiram para as prisões isoladas das Ilhas, do Sul de Java: Nusa Kalambangan!

Quero aproveitar todas oportunidades para defender os nossos pontos de vista, por um lado, e, por outro, insistir com Ortaita a nossa disposição no tratamento da questão de T-L. Se eu me mezar a esses contactos poderão, por um lado, dizer que sirvo, que o temo, que não sei ouvir, que não gosto discutir, acusando-me como de recusar e, por outro, perco a ocasião de lhes falar à cara, enfrentando-os.

Creio que deveria fazer as pazes desta mensagem, que irá via fax, p/ entregar ao Sec. Geral, ao PR Mário Soares, ao 1º Ministro e às instituições que julgar necessário, a fim de prevenirmos quanto às manipulações de Ortaita, pedindo-se contudo para manterem o sigilo de o aviso ter sido por mim.

Volto a repetir: ou os 2 andam confusos com o Plano de Paz, porque falam de "contribuições" ou esconderam a sua verdadeira face. Porque o mal alvo era os 2, não abordei a questão do TA profundamente, tambem eu queria prevenir-me na questão do tempo... de conversa. Não sei o que contém o livro de poemas de Lemanto Lassa, porque o Constâncio me pediu repetidamente para o ler. Disseram-me entender que, através das suas palavras, eles estariam "conquistando" algumas pessoas influentes (no governo). Afirmaram que o processo é longo e pedem paciência p/ que avance.

Disse-lhes que, desde que concordam com os nossos pontos de vista expostos, considerando as tais "dificuldades" da diplomacia, "subir ida ne, Roma ida nebá", poderíamos aí discutir — com franqueza política e lealdade — as tácticas de situação. Deviam explanar tudo, com clareza, etc. e.

[illegible] salvaguardar, por um lado, o desenvolvimento contínuo do processo, por outro, evitar as causas para mais fricções/erosões no seio da Resistência Timorense.

Perguntaram-me porque eu recusara ser entrevistado e expliquei-lhes, dando-lhes também a conhecer que, caso fosse chamado a participar nas negociações, os interesses da Pátria ditariam a minha resolução.

Eu, por causa do tempo, apesar de ter sido 2 ou quase 2 horas, não pude falar a eles abordando as exigências, expostas nas fases I, II do Plano de Paz. Se creio que, se realmente eles viram ambiguidade, é porque desconhecem a matéria, o objectivo que desejamos alcançar com tais condições, pedidas para esse período. Após, lembro-me que na carta que não te chegou, informei-te que os Indos capturaram todos os documentos e inclusive o que eu preparava p/ te enviar p/ te ajudar na defesa dos nossos pontos de vista e conhecem já as minhas intenções.

Bem, por hoje, é tudo.

Abraços do

[illegible]
RP do CNRM
Conselho Nac. Resistência

Cipinang, 30 Abril 1994.